

"CIÊNCIA OU FURTO: A CONTROVÉRSIA FREUD-KLEIN, 1941-1945"*

Jane Kitto

Tradução: Francisca Teixeira.¹

Revisão: Cecília Camargo.

* originalmente publicado em :
Free Association, Volume 6, Part 3
39:445-460, 1996.

¹ Agradeço a contribuição de todos os membros do grupo de Resenha, e em especial ao colega Lineu Silveira.

Bion inicia suas *Conferências Brasileiras* relatando a lenda do Cemitério Real de Ur. Em um sítio conhecido como a Cova da Morte, uma vala fora escavada para que na ocasião da morte do Rei, todos seus súditos, em suas melhores vestes e jóias, pudessem ali se envenenar, sendo mais tarde conjuntamente enterrados. Quatrocentos anos depois, ladrões saquearam esta tumba roubando-lhe todas as preciosidades. Provavelmente, esses homens não temeram a aura sagrada e real que pairava sob tal sítio. Bion chamou-os de "patronos do método científico: os primeiros a atreverem-se em abrir caminho através das sentinelas fantasmagóricas da morte e de seus assistentes sacerdotais". (Bion, 1990).

A lenda do Cemitério Real de Ur foi escolhida como uma espécie de epígrafe, uma vez que a mesma condensa alguns dos principais temas aqui tratados.

The Freud-Klein Controversies (King, 1991) [As Controvérsias Freud-Klein] é uma publicação, onde consta transcrição completa dos registros de reuniões internas ocorridas no período de 1942 a 1944 na Sociedade Britânica de Psicanálise. Estes eventos foram posteriormente denominados de "discussões controversas". Para nós, participantes do mundo psicanalítico, satisfeitos ou não, essa é a nossa história, já que de uma forma ou de outra, o resultado desses debates moldou o desenvolvimento de várias instituições psicanalíticas, criando problemas com os quais os psicanalistas lutaram há cinquenta anos atrás e que lutam até hoje.

Neste artigo, foram selecionados alguns temas facilitadores de ansiedades que atormentavam os psicanalistas na época. Através desta abordagem, poderemos então, obter melhor compreensão da direção tomada pelos eventos institucionais. Acompanharemos também nesse processo, o esforço realizado por alguns indivíduos, que diante de uma situação tão delicada, insistiram em colocar-se de forma moderada, procurando sempre que possível preservar suas capacidades criativas.

Dois problemas assolavam a Sociedade Britânica de Psicanálise durante a realização das "discussões controversas": o primeiro, relacionava-se à liderança da instituição, fundada e liderada por Ernest Jones desde 1919, encontra-

² Para maiores detalhes sobre esses eventos ver King 1994.

³ (N.T.) *Operação Overlord* também chamada de *Operação Suserano*, teve início em Dezembro de 1943. Tinha como objetivo destruir ferrovias e estradas, a fim de impedir a comunicação da Alemanha com a parte ocupada da França, culminou na invasão da Normandia em Junho 1944. Ver: *Grande Crônica da Segunda Guerra Mundial*, Reader's Digest, Editora Ypiranga, 1969.

⁴ (N.T.) A iminência da fundação de tal política nacional incentivou os membros da sociedade a formarem um comitê médico destinado a investigar o "papel da psicanálise no mundo pós-guerra". Ver: Grosskurth, P. *O Mundo e a Obra de Melanie Klein* 1992, RJ, Imago, 347 pp.

va-se em momento de transição uma vez que sua liderança passava para as mãos de Edward Glover, percebido como excessivamente autocrático; o segundo, consistia na chegada da família Freud a Londres. Os refugiados de Hitler trouxeram para dentro da Sociedade as diferenças já existentes entre Anna Freud e Melanie Klein. Estas se manifestavam não somente no campo da psicanálise infantil, mas também no campo da psicanálise em geral, ou seja, em toda a sua fundação teórica. Ambos os problemas, o institucional e o científico, produziram uma atmosfera de discórdia e hostilidade entre os membros, que alguns, irritados com tamanha disputa, propuseram a realização de uma série de encontros e discussões. Nesses encontros, o grupo kleiniano incumbia-se de defender, a compatibilidade existente entre a "Teoria das Relações Objetivas" e a "Teoria das Pulsões". Para isso, membros do grupo kleiniano deveriam preparar seus trabalhos antecipadamente, a fim de fornecer oportunidade de réplica por parte dos outros membros. Mais tarde, esses trabalhos foram publicados no livro *Developments in Psychoanalysis (Progressos em Psicanálise)*.²

A fonte pesquisada para a realização deste artigo, apresenta registros literais das discussões e reuniões, tais como: reuniões do Comitê Científico, reuniões preparatórias para eventos, reuniões do Comitê Médico e da Infância, e um grande número de anotações do Comitê de Formação.

Isso tudo soma-se a vasto material, cuja editoração dependeu de monumental organização: juntar e checar referências numa massa de escritos. Não menos surpreendente, deve ter sido a façanha de secretariar e administrar autênticos apontamentos em todas as discussões, sem o auxílio de gravadores ou copadoras. Este fato, torna a leitura do material absorvente, uma vez que, até as interrupções para o chá são relatadas, fazendo-nos sentir como se estivéssemos espionando algo íntimo e doloroso.

Riccardo Steiner, num artigo de 1985, nos coloca a par do contexto social em que esses eventos desenvolveram-se: Londres encontrava-se durante a *Blitz* – guerra-relâmpago; refugiados alemães e austríacos, indivíduos cujas vidas haviam sido fraturadas, encontravam-se, naquele momento, em um país onde eram classificados como inimigos estrangeiros e estavam totalmente tolhidos em sua liberdade; a convulsão interna ecoava contrapondo a externa. A propósito, em uma reunião em Março de 1944, já no final do período, escutam os Adrian Stevens dramaticamente declarando: "*Durante o ano que passou a Sociedade esteve des governada sob diversas formas. Nós estamos sofrendo*". E Michael Balint: "*Na maior parte do mundo o Comitê de Formação estrutura-se de maneira estável. Seus membros não variam*". Isso ocorreu três meses antes da *Operation Overlord*³, enquanto amadureciam os planos para a fundação de um *Serviço Nacional de Saúde* no Reino Unido.⁴

Durante esse período, James Strachey tornou-se uma figura central na psicanálise. Como secretário do Comitê de Formação, apresentava um "memorandum" para a Sociedade sempre que requisitado. Participava pouco das discussões e das reuniões administrativas, no entanto, segundo Steiner, "suas

contribuições para as importantes discussões do Comitê de Formação, e seus comentários ponderados quanto à delimitação das tarefas do Comitê, tinham papel essencial para manter a Sociedade em um "meio termo" (p. XXIII). Apesar de ter se mantido em Cambridge a maior parte do tempo, Strachey foi importante o suficiente, merecendo ser particularmente mencionado.

Provavelmente, tanto a clareza como agudeza de Strachey foram demasiadas para a Sociedade. Cultural e economicamente independente da mesma, Strachey circulava próximo a figuras proeminentes do mundo artístico, literário, científico, político e governamental. Distante a suficiente de *Gloucester Place*⁵, ele procurava manter uma visão moderada sobre os eventos que lá aconteciam.

No entanto, sua paciência se estreita, diante das várias disputas internas da Sociedade. Ao desculpar-se por sua ausência em uma das reuniões do Comitê de Formação do qual era secretário, escreveu a Glover de maneira irritada em 1940:

"Me parece que o problema envolve extremismos de ambas as partes. Minha opinião pessoal é que a Sra. K. (Klein) está realizando contribuições extremamente importantes para a PA. (psicanálise), mas é um absurdo concluir que: a) elas englobem toda a matéria, e b) que sua validade seja axiomática. Por outro lado, penso que é igualmente ridículo que a Srta. F. (Freud) mantenha a PA. (psicanálise) como uma das posses da família F. (Freud), considerando as idéias da Sra. K. (Klein) como totalmente subversivas. Essas atitudes, de ambas as partes, são claramente religiosas e uma antítese da ciência... De fato, me sinto como Mercúcio⁶. Por que esses miseráveis fascistas (estrangeiros odientos) e comunistas tiveram que invadir nossa cordata e pacífica ilha? - Bem, acho que estou mais exaltado do que imaginava". (pp. 32 a 33).

Parece ser difícil compreender o tom dessas palavras segundo os padrões culturais de hoje, e para isso, precisamos nos lembrar que a Inglaterra estava recebendo um enorme fluxo de refugiados pela primeira vez na vida da maioria de sua população e de seus antepassados. E ainda, quando os EUA entraram na guerra, um grande número de soldados americanos estabeleceram-se por aqui! E para aumentar a confusão, devemos lembrar, que muito dos refugiados estrangeiros, vieram do país inimigo, ou seja, daquele que nos bombardeava, causando escassez de alimentos, entre outras desgraças. Diante de tais circunstâncias, não é espantoso que alguns indivíduos pouco se preocupavam em fazer uma distinção entre judeus alemães, tchecos desalojados, e outros.

O Pensamento Científico e o Problema Freudiano

Nessa época, os psicanalistas já enfrentavam dificuldades inerentes à reflexão sobre as idéias psicanalíticas: *seria realmente possível ou permissível pensá-las como um todo?* Para alguns membros do grupo freudiano, parecia impossível considerar os textos de Freud como o trabalho de um indivíduo que desenvolve

⁵ (N.T.) Local onde encontra-se sediada a Sociedade Britânica de Psicanálise.

⁶ (N.T.) O amigo e conselheiro de Romeu, morto em um duelo. Ver William Shakespeare "Romeu e Julieta".

conceitos, descarta antigas formulações e chega a uma conclusão em seu desenvolvimento. Para alguns indivíduos, o texto freudiano era considerado verdade indiscutível, assemelhando-se a um texto herdado de Deus, o qual só é possível criticar a tradução, nunca discordar. Steiner costumava dizer que alguns vienenses conheciam de cor as passagens freudianas.

Essa atitude pode ser observada por nós, através do emprego de formulações, como por exemplo: "Tais colocações ignoram todas as diferenciações que *nós aprendemos a fazer*". (H. Hoffer 426 pp.); "*Estou meramente afirmando que as opiniões da Sra. Isaacs sobre o assunto são incompatíveis com as opiniões de Freud*" (Glover, 399 pp.); "*Freud nos ensinou*", que incorporação, difere-se de projeção, isto implica na tendência de prejudicar o outro, e a sua existência pressupõe uma completa relação de objeto durante o estágio oral, e *nisso nós não acreditamos*" (Kate Friedlander, 728 pp.). Esse tipo de formulação ainda é utilizada hoje em dia, como nosso próximo exemplo pode mostrar, pois foi extraído de um discurso do presidente da Associação Internacional de Psicanálise, Horacio Etchegoyen, (não exatamente um seguidor de Freud): "[realidade psíquica] é um conceito decisivo para o desenvolvimento do pensamento psicanalítico, marcando assim, o ponto onde Freud definiu seu campo de pesquisa e *apontando o caminho a ser seguido por todos nós em nosso trabalho*" (itálicos do autor, 1996).

O problema que muitos psicanalistas acreditavam estar enfrentando naquele período, resumia-se em como permitir a penetração de novas idéias, sem que toda a estrutura teórica da psicanálise colapsasse dentro de um misticismo, uma psicanálise selvagem, ou uma subjetividade total.

"Se nós aceitássemos a definição kleiniana de fantasias e de introjeção, todo controle científico sobre as interpretações psicanalíticas desapareceria, pois seguindo esses conceitos seria muito simples provar que a lua é feita de queijo verde". (Glover, 711 pp.).

Não é surpreendente a necessidade dos vienenses de se agarrarem a velhas convicções, ... se bem que esse debate antecedia o período de guerra ..., e tal argumentação não se aplicaria a Glover, um profissional inglês bem estabelecido, que provavelmente sofria de uma outra ameaça, aquela relacionada com a sua posição política, o possível sucessor de Jones na presidência da Sociedade.

Não devemos esquecer, o esforço particularmente realizado por Susan Isaacs e Ella Sharpe na luta em busca da verdade e de seus meios de investigação. Ao fazer referências constantes a Glover em seus escritos, Isaacs deixava seu "rival" irritado, e como resposta a tamanha irritação ela contestava:

"Não estou nem um pouco preocupada em marcar pontos. Estou protestando abertamente contra a tentativa de forçar a discussão sobre as divergências científicas para o campo pessoal e político. Mencionei e mencionarei ainda mais, os trabalhos publicados pelo Dr. Glover, sempre que considerá-los justos e verdadeiros". (448 pp.).

Isaacs elegantemente virava a mesa, quando desafiada sobre a base das idéias kleinianas:

"Fantasias inconscientes são sempre inferidas, nunca observadas como tal. Assim, como Dr. Glover observou, em passagem anteriormente mencionada por mim no Simpósio (sobre análise de crianças), o paciente nunca nos conta suas fantasias inconscientes ... Ele diz e faz coisas de maneira tal que nos possibilita deduzir que tais fantasias inconscientes ou resistências estão atuando". (444 pp.)

Isaacs continua:

"Não importa quem descobriu o que, desde que todas as descobertas possam ser compartilhadas e reconhecidas, e que nenhum grupo de trabalho reivindique a posse dogmática privada dos segredos mais profundos de uma verdade. Desta forma, terminaria essa tolice sobre 'kleinianos' e 'freudianos'". (457 pp..)

Na linha de frente, Isaacs esforçava-se por defender a causa kleiniana. Mostrava-se preparada, pronta para compartilhar suas reflexões, suas referências a Freud, sua lógica e lucidez, toda vez que trabalhos de outros membros estavam em discussão.

De forma distinta, Ella Sharpe era mais independente, porém engajada, privilegiava sempre o vértice teórico-clínico. Numa passagem extraordinária, ela nos fala sobre as necessidades individuais de aderência a um corpo teórico. (itálicos são do autor).

"A crença absoluta na presença física e real do bom objeto concreto interno ... preserva a ilusão da não-separação corporal. Assim, a introjeção e a projeção primitiva são tentativas de repudiar a realidade da separação corporal. ... O trabalho de luto não se realiza enquanto retém-se a crença na presença física do bom objeto interno... Nossos problemas começam com a realidade, com a separação e com a mãe que era um ser sexuado que teve outras crianças com o pai, o reconhecimento dessas realidades é uma afronta ao narcisismo e ao idealismo. ... Segundo Freud, o superego é susceptível a influências e pode ser alterado para melhor; o que deriva da crença na incorporação real é inacessível e impenetrável, crença no bem inexorável, e no mal implacável." (338 pp.)

Estaria Ella Sharpe realmente revelando ao grupo que Freud poderia ter se tornado o objeto real incorporado? Que separação e luto impossibilitados de serem elaborados impediriam o desenvolvimento do pensamento? Estaria ela dizendo realmente isso, ou não? O próximo colaborador do debate escapou do tema movendo-se para outros campos da investigação psicanalítica.

Não é de se surpreender que seus apontamentos, demasiadamente penetrantes, não fossem levados em consideração. As contribuições de Sharpe eram

tratadas com o devido respeito, pois elas estavam entre as mais inteligentes e criativas do grupo. Sempre atenta aquilo que se passava com o grupo, Sharpe tentava chamar a atenção dos membros para a existência de processos inconscientes que ocorriam entre os membros, e citava Emerson, quando este falava sobre a quantidade de energia requerida para persuadir um ser humano a mover-se “*para dentro de um chiqueiro mais limpo que o seu*”. De fato, muitos membros estavam desapontados e ansiavam por retomar a tranqüilidade banida pela guerra.

Geralmente, Sharpe abrandava a força de seus comentários referindo-se repentinamente a sua clínica, oferecendo exemplos ilustrativos sobre pacientes. Se por um lado, essa tendência afastava-a de seus objetivos, por outro podemos admirar em seu estilo, a proximidade, e o envolvimento pessoal das suas comunicações, como no exemplo abaixo:

“Edward Glover andou dizendo ‘que o termo narcisismo está fora de uso’. Para mim, narcisismo está vagarosamente deixando de ser um termo intelectualmente apreendido, para dar lugar a compreensão viva de um estado e de uma experiência. Talvez, nos sentíssemos mais vivos se pudéssemos começar a sentir aquilo que se encontra envolvido no narcisismo e o que realmente significa sentir-se enredado por ele”. (809 pp.)

A Formação

Temas similares aos anteriores, também emergiram na seção destinada à formação de analistas.

A questão da idealização do analista didata aparecia constantemente relacionada à pessoa de Klein. Marjorie Brierley escreve em seu memorandum sobre a técnica:

“Foi a prontidão com que os simpatizantes de Klein disciplinavam-se, suas susceptibilidades, zelo e hipersensibilidade, que me levantavam algumas questões... Eles [os candidatos] mantinham-se dentro da necessidade psíquica de engolir o seu treinamento por inteiro, de forma a nunca utilizarem de seus dentes contra aquilo que lhes fora ensinado.... Dentro de tais circunstâncias, não poderia haver esperanças de progressos estáveis; somente a chance de uma revolução”. (627 pp.)

Em contrapartida, Sylvia Payne observou que os analistas ingleses, utilizavam-se ativamente de interpretações transferenciais, antes mesmo da chegada de Melanie Klein a Londres. Inclusive, alguns desses analistas utilizavam-se dessas interpretações, logo no início do tratamento, mesmo tendo sido aconselhados a serem cautelosos a esse respeito por Hanns Sachs, analista de Klein em Berlim. No entanto, a alegação que os kleinianos estariam virando a mesa, através do recrutamento de novos candidatos, foi firmemente refutada por Ella Sharpe que providenciou números a fim de mostrar que o grupo kleiniano tinha poucos analisandos em formação (apesar do grande número de analistas, membros da Sociedade, que

encontravam-se em sua segunda análise com Klein ou com algum de seus seguidores). Ao debater questões relacionadas a formação, Sharpe desenvolveu um bom argumento sobre a necessidade de independência e de desenvolvimento do candidato (tendo como contexto a idealização do analista):

"Foi, através de um longo percurso, lidando diretamente e quase que sem auxílio com os nossos problemas, que a maioria de nós, compreendeu o quão imperfeita é a nossa técnica. Aprendemos primeiramente a partir de tentativa e erro. Tínhamos a vantagem inestimada de compartilhar e conversar com colegas e contemporâneos sobre nossos casos. Não havia líderes e nem liderados, éramos independentes, a ajuda era mútua, nos encontramos em pé de igualdade e compartilhávamos de um deleite comum em nossos encontros. Atribuo como parte da liberdade que sentíamos, o fato de naquele momento, estarmos separados de nossos analistas pelo Canal da Mancha, um importante bastião de nossa independência em várias ocasiões". (646 pp.)

Parte central da discussão sobre a formação, encontra-se no memorandum criado por James Strachey e apresentado, sem modificações, como o relatório oficial do Comitê de Formação da Sociedade. Tal documento é um monumento de clareza e de bom senso, Strachey não advoga, mas apresenta alternativas ao Comitê. Apesar de seu tom orgulhoso, é como uma brisa de ar fresco, no ar viciado da mesmice.

O memorandum inicia-se estabelecendo uma distinção entre o objeto científico e o objeto político:

"Problemas científicos devem ser abordados a partir de uma lógica rigorosa e de uma nítida consistência: não existe meio termo entre o verdadeiro e o enganoso. Problemas administrativos, e suas considerações rotineiras, exigem a constante avaliação de suas probabilidades, necessitando flexibilidade e compromisso. Porém, não há nenhuma contradição aqui. A adaptabilidade política não se encontra de maneira alguma incompatível com a visão estrita de uma verdade científica". (603 pp.)

Então, Strachey inicia-se na questão da verdade e da ortodoxia: "Existem duas possibilidades: de um lado, a psicanálise pode se colocar como um sistema fechado, imune e repleto de verdades incapazes de expansão ou correção." (603 pp.); ou por outro lado, pode-se seguir os conselhos de Freud, que escreveu em 1923, '{A psicanálise} avança às apalpadelas, com a ajuda da experiência, está sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou modificar suas teorias' "(253 pp.)

E nos alerta, que caso a primeira alternativa seja escolhida precisáremos de um líder onisciente capaz de nos mostrar o caminho certo (um líder onisciente certamente nos salvaria das ansiedades). No entanto, Strachey continua, opiniões divergentes, não são um mal a ser ultrapassado, pois estão diretamente relacionadas à busca do conhecimento e estabelecem as condições

necessárias para o seu desenvolvimento. Assim como colocou Brierley, ele sugeria que deveríamos tolerar colegas e professores considerados apenas parcialmente competentes.

“Existem alguns conceitos básicos sobre os quais podemos concordar unanimemente. Assim, todos nós estamos de acordo em recusar a receber no Instituto um candidato que nunca tenha ouvido falar em Complexo de Édipo, ou alguém que acredita que a claustrofobia é causada pela ação dos raios lunares sobre o couro cabeludo”. (pp. 605 a 606).

De outra forma, existem diferentes opiniões sobre o início do período de latência, ou seja, quando inicia-se o período de latência, e essas opiniões precisam ser toleradas; uma vez que, tanto a verdade como o saber nunca encontram-se estanques, e se qualquer desentendimento provocar em nós uma crise aguda, nunca sairemos do lugar.

Avançando um pouco mais, Strachey nos coloca uma questão interessante: o que teria acontecido se as teorias freudianas tivessem sido desenvolvidas por mais de uma pessoa, ou seja por duas ou três pessoas sucessivamente? Certamente, ele responde, cada modificação teria provocado uma crise similar à que estamos experimentando nesse momento.

E, para concluir:

“O critério essencial envolvido na escolha de um membro didata, não deveria ser a correção de sua visão etiológica ou teórica, mas sim a validade de sua técnica”. (607 pp.)

A Criança

A contribuição que mais produziu desacordos na época foi o artigo de Susan Isaacs, “A Natureza e a Função da Fantasia”, provavelmente devido à idéia de que os recém-nascidos possuem fantasias originadas em ansiedades primitivas palpáveis. E isso fez Anna Freud protestar.

“A teoria não se baseia mais no fato da complicada vida emocional do adulto construir-se a partir das vicissitudes pulsionais, mas que tanto as emoções primárias brutas quanto as atitudes emocionais complicadas estão operando prematuramente, mostrando-se ainda mais importante que os instintos biológicos”. (728 pp.)

Introduz-se assim o problema mente/corpo, que Paula Heimann responde (1952):

“Estamos sempre lidando com a entidade mente/corpo. O principal autor de moções em toda a vida mental são as pulsões, esses processos dinâmicos e fronteiriços que

relaciona os dois, corpo e mente. É muito provável que as secreções internas de nossas glândulas cheguem bem perto de serem o veículo material das pulsões".⁷ (739 pp.)

⁷ Para um relato detalhado sobre essa discussão ver Hayman (1994).

Mais adiante retornaremos a esses processos fronteiraços. No momento, gostaríamos simplesmente de apontar para o impacto sentido através da consideração da existência de fantasias inconscientes primárias. Penso que aquilo que se coloca como mais ameaçador, não é a existência de fantasias destrutivas do bebê, mas fundamentalmente a concepção de um bebê vivendo fora da bruma auto-erótica e interagindo engajadamente no mundo de seus pais.

Se por um lado, somos capazes de reconhecer a possibilidade da interação entre o bebê e o mundo, rejeitando a premissa auto-erótica sobre a existência de um jubiloso período pós-natal; por outro lado, muitas mães ainda negam a primeira afirmativa quando formulam que seu bebê "não percebe" ou "não reconhece" o mundo a sua volta. Partindo de tais observações, podemos compreender o auto-erotismo como um lugar seguro, onde o adulto instala o recém-nascido encapsulando-o em um estado de impossibilidade interativa.

As Objeções a Klein

O maior receio expresso por Marjorie Brierley e Edward Glover relacionava-se com a possível dissolução da metapsicologia freudiana, numa reprodução de mente repleta de objetos, o que colocava em risco todo o controle científico do pensamento psicanalítico.

"Se distorções da metapsicologia freudiana forem permitidas, esta encontra-se aberta para qualquer um reivindicar como verdade sua opinião pessoal sobre os conteúdos inconscientes". (722 pp.)

Desta forma, as coisas poderiam tomar outro rumo e sair do controle. Esta situação nos faz lembrar o famoso comentário que Ruskin fez sobre o 'Nocturnes' de Whistler: 'arremessem uma lata de tinta no rosto do público'. Sugiro que aqui encontram-se presentes as mesmas fantasias de violência, destruição, caos, e até demência (devemos sublinhar que esse debate correu antes da publicação do artigo de Heimann em 1952 sobre a contratransferência e o desenvolvimento de pensamento através dos mecanismos de projeção e introjeção). Em tais circunstâncias, provavelmente temia-se a ausência de algo suficientemente sólido para ser colocado no lugar da metapsicologia freudiana; assim, tanto a teoria como a prática psicanalítica estariam destinadas a submergir aos objetos internos, demônios e homúnculos, afastando-se de um sistema, de uma razão; como se fosse iniciar a abertura da temporada da imaginação.

De certa forma, a concepção de um mundo interno independente do externo parecia difícil de ser aceita (parece ser assim até hoje), já que tal fato, nos confronta com uma ameaça semelhante àquela que envolve o bebê.

A Instituição

A compreensão sobre os processos institucionais desenvolveu-se grandemente desde que essas discussões foram iniciadas. Desta forma, pode ser interessante adotar a leitura dos acontecimentos institucionais segundo Barbara Low. Ela apontou, como uma das dificuldades da instituição, a ligação realizada entre interno e o externo, uma ligação que só poderia se consumir a partir da existência e do conhecimento de um interior.

"Nossa relação insatisfatória com o público reflete, em larga escala, as nossas relações internas insatisfatórias. Por isso, solicitei uma melhoria em nossa constituição, a fim de curar algumas de nossas dificuldades capacitando-nos a nos apresentar como uma frente mais unida para o mundo lá fora". (pp. 45 a 46).

A idéia de que uma instituição seria capaz de funcionar como um continente capaz de conter ansiedades, particularmente as ansiedades psicóticas, existe desde 1953. (Jacques, 1953). Segundo esta concepção, a instituição deveria acolher os indivíduos de maneira a permitir a expressão de suas ansiedades de tal forma, a serem manejadas sem se tornarem intoleráveis ou fatalmente destruidoras. Seguindo essa linha de pensamento, esperamos encontrar a remoção de ansiedades, e o seu oposto- a condensação- conjuntamente com a ausência do princípio de não contradição (duas posições mutuamente excludentes podem ser assumidas simultaneamente sem desconforto). Para tal, as ansiedades deveriam encontrar na instituição um lugar onde pudessem ser expressas. Já salientamos a respeito de ansiedades surgidas a partir da ameaça de uma invasão estrangeira na Sociedade e que por sua vez coexistia com o temor de extradição por parte daqueles que não possuíam a cidadania Britânica (ou nenhuma outra cidadania); todos esses eventos eram fronteiriços. Todavia, afora a problemática da guerra, existiam motivos institucionais suficientes para o aparecimento de intensas ansiedades. Primeiramente, a ansiedade relacionada a psicanálise propriamente dita, não necessariamente no que dizia respeito a sua sobrevivência, mas sobre a sua integração, uma vez que esta poderia ser disseminada fora dos limites da Sociedade. Depois, havia a questão da liderança, o fim da era Jones, do pai-fundador, fortemente associado com o pai-Rei de Ur, nada mais nada menos que Freud. Existia, ainda, temores associados com as novas idéias, demandas sobre a técnica, e a inevitável ansiedade natural do trabalho analítico, e especialmente a parte central do assunto denominada por Klein de ansiedade psicótica.

Na mesma linha, Sylvia Payne apontou para o 'o temor da *extinção pessoal*, aquele precede a adoção de poderes políticos', e o que mais tarde elegantemente relacionou ao temor de deposição: (110 pp., itálicos do autor)

"Uma explosão de fúria foi a primeira reação dos indivíduos ao se depararem com a afirmação feita por Copernicus: a Terra gira em torno do sol. Vocês se lembram do

destino funesto de Copernicus marcado pelo narcisismo ferido desses indivíduos? Explosão de fúria semelhante ocorre quando a criança pequena percebe que é ela quem rodopia em volta do mundo, e não o mundo em sua volta". (813 pp.)

Existiam motivos o suficiente, os de fato e os potenciais, relacionados a fantasias de deposição tanto dentro quanto fora da instituição, fazendo desses temores realidade para muitos.

Como sempre, essas ansiedades convergiam em situações fronteiriças. Tanto o debate sobre a vida mental da criança, como o debate sobre a formação de novos analistas, encontravam-se repletos dessas ansiedades. A criança representava uma ameaça, pois era compreendida como um novato, um objeto de preocupação. O mesmo ocorria com os candidatos, os novatos da instituição, que possuíam seus mentores, seus analistas didatas. A questão envolvia as crianças, e os candidatos de maneira semelhante. Seriam os candidatos bons o suficiente? E nós [analistas] seríamos bons o suficiente para cuidar deles? Poderiam eles [candidatos] nos perturbar? Poderiam eles [candidatos] exigir de nós aquilo que nós não temos para oferecer? Auto-erotismo e ortodoxia; talvez essas idéias estejam, mais próximas do que imaginávamos.

Tivemos acesso a material suficiente para indagarmos se tal instituição foi capaz de conter tanta ansiedade. Num determinado momento, até Glover chegou a cogitar se a solução institucional residia na criação de uma outra Sociedade, separada da freudiana. Todavia, com o desenrolar dos fatos podemos perceber a redução do nível de ansiedade, a modificação da linguagem e a aproximação das situações difíceis. Segundo Brierley: "*Muitas das dificuldades presentes relacionadas ao ego primitivo e ao desenvolvimento de objetos desapareceriam se nós nos tornássemos mais cuidadosos, tentando correlacionar nossas observações e interpretações sobre o comportamento infantil, com a teoria do desenvolvimento expressa em termos de uma organização progressiva*", e continua de maneira cética: "*tenho certeza de que existem mais coisas envolvidas aqui do que uma mera escolha de palavras*" (818 pp.)

Porém, o nível de ansiedade só foi reduzido devido a divisão ocorrida na Sociedade. Anna Freud, seus seguidores e Glover desistiram das "discussões controversas", em resposta ao trabalho diplomático realizado por Sylvia Payne e outros que idealizaram o "acordo de cavalheiros". Tal acordo, delimitou os territórios e as esferas de influências entre os grupos freudiano e kleiniano, reassegurando a cada grupo o direito de treinar seus candidatos e ser representado em Comitês. Desde então, tornou-se impossível reiniciar os debates sobre questões teórico-técnicas, e a situação permaneceu vazia. "Toda essa situação entre freudianos e kleinianos não faz sentido algum", comenta Issacs em tom de lamento; no entanto, essa situação persiste até hoje. O desenvolvimento do "grupo do meio" (hoje o grupo independente) em nada alterou a situação a esse respeito.

Os Dias de Hoje

A forma pela qual o trabalho analítico vem se desenvolvendo nos últimos cinqüenta anos, encontra-se inteiramente calcada nesses eventos e em suas conclusões. Gostaria de levantar dois aspectos da questão que encontram-se intimamente relacionados: o aspecto científico e o aspecto fronteiriço.

Podemos dizer que a Sociedade se dividiu internamente a fim de evitar uma divisão externa, e é bastante significativa que nenhuma outra Sociedade de Psicanálise foi estabelecida neste país, fato que contrasta diretamente com muitos outros países que contribuintes da psicanálise, onde existe mais de uma Sociedade de Psicanálise.

E continuamos a observar, hoje em dia, que a integração e as mudanças teóricas acontecem tímida e raramente. No decorrer da formação teórica nos é transmitido que as "várias" linhas teóricas da psicanálise são excludentes, por isso são teorias rivais. Esse ponto foi bem colocado por David Smith, quando diz: "*retalhar o território de forma a cada teoria ser apresentada com a soberania sobre o seu próprio reino*" não resultará num esforço de harmonizá-las. (1991, 422 pp.). Quando a crítica e o debate estão ausentes, cria-se esse tipo de ecumenismo apontado por Smith, tornando-se o único refúgio ao intolerável conflito, essa situação que não deixa de ser o resultado do "acordo de cavalheiros".

Com o passar dos anos, a psicanálise cresceu para fora dos limites da Sociedade sob diferentes nomes como psicoterapia de base analítica (e suas versões). Tentativas frustradas foram realizadas num esforço constante de definição e diferenciação entre psicanálise e psicoterapia. Aqui, dois fatores devem ser levados em consideração: primeiro, que a necessidade de distinção provém da necessidade de manejar fantasias de contaminação ou dissolução, questões que cercaram a psicanálise desde o seu início, ou seja, problemas, ligados à psicanálise selvagem, à sugestão, ao aconselhamento, ao contato físico, etc ... Segundo, de maneira inversa, a necessidade de manter princípios e práticas psicanalíticas, de forma que o trabalho possa ser transmitido mais ou menos por inteiro. Dessa necessidade, nasceu o regulamento existente em algumas sociedades psicanalíticas onde apenas os membros da Sociedade Britânica de Psicanálise podem assumir certas funções institucionais (analista didata, ou supervisor).

Neste ponto voltemos a Strachey e na insistência que os critérios de verdade e de falsidade só podem ser mantidos através do axame minucioso dos fatos. A questão colocada por ele diz respeito a como podemos definir quando um profissional é um 'bom técnico', e ele diz:

"Poderia ser de grande valia se tanto os membros candidatos, como os membros didatas pudessem reunir-se regularmente para debater os detalhes atuais de seus procedimentos técnicos". (676 pp.)

A proposta de Strachey não vingou, e conseqüentemente, ficaram registradas manifestações de dois membros sobre o assunto: segundo Melitta Schmideberg, a filha apartada de Klein, "*essas discussões tiveram início há alguns anos e foram descontinuadas devido à quantidade de agressões contidas nas mesmas*". (885 pp.); e segunda Sylvia Payne, "*a razão para descontinuar esses encontros foi o acúmulo de trabalho administrativo somado à escassez de tempo para os debates. Tal interrupção foi lamentável*". (885 pp.)

Temos o dever de gratidão para com a Sociedade Britânica de Psicanálise pela publicação de suas atas. Contudo, nos resta saber o que as instituições atuais irão deduzir desse legado de debates tão extraordinários. Ao lermos tais documentos cinqüenta anos depois, é inevitável levantarmos questões relacionadas a quão longe já chegamos e o quanto nos libertamos dos mitos e dos temores contra os quais aquelas pessoas lutaram. Não há dúvidas quanto ao amplo reconhecimento das idéias e da prática psicanalítica; também não está em questão, o quão importante foram os progressos do pensamento e da técnica psicanalítica realizados em sua maior parte pelos membros da Sociedade Britânica de Psicanálise; mas, ainda permanecemos inseguros quanto às nossas possibilidades técnicas e conseqüentemente, quanto ao nosso limite institucional, o que nos sugere o quanto ainda precisamos entrar em contato com ansiedades subjacentes ao processo de crescimento.

Certamente, esses problemas não são exclusivos da psicanálise. A lenda do cemitério de Ur, aquela com a qual iniciei este artigo, sintetiza muitas dessas questões: a preservação versus a mudança e o progresso, o mito e a realidade, o valor das tradições versus o presente, e sobre a morte, sobre a vida e a sua co-relação. Os ladrões, na lenda, não tinham a intenção (de roubar) controlada pela aura sagrada que envolvia o lugar saqueado, e nem sequer pelos mitos que o cercavam. Bion insinua que eles eram 'cientistas', destemidos, dispostos a assumir os riscos do desconhecido a qualquer custo. Comandados por suas próprias mentes, foram capazes de realizar escolhas entre permanecer atados ao passado ou saquear o cemitério segundo seus próprios, talvez ambiciosos, propósitos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, História, Discussões Controversas, Transmissão.

BIBLIOGRAFIA:

BION, W. *Conferências Brasileiras*. R.J., Imago, 1990.

- ETCHEGOYEN, H. "Some views on Psychic Reality", *Int. J. Psycho-Anal.* 1-15, 1996.
- FREUD, S. "Dois verbetes de Enciclopédia", *SE* vol. 18, RJ, Imago, 1923.
- HAYMAN, A. "Some remarks about 'The Controversial Discussions'", *Int J. Psycho Anal.* 394-359, 1994.
- HEIMANN, P. "On Counter-transference", *Int J Psycho-Anal* 81-84, 1952.
- JACQUES, E. "On the dynamics of social Structure", *Human Relations.* 6:3-24, 1953.
- KING, P. "The evolution of controversial issues" *Int. J. Psycho-Anal*, 1994.
- KING, P. & STEINER, R. *The Freud-Klein Controversies 1941-1945*. New York: Routledge, 1991.
- KLEIN, M. *Developments in Psychoanalysis*. London: Hogarth Press, 1992.
- SMITH, D. "Psychoanalysis and Dogmatism". *Brit J. Psychother.* 7 (4):416-422, 1991.
- STEINER, R. "Some thoughts on tradition and change in psychoanalysis" *Int. J. Psycho-Anal.* 27-71, 1985.

Francisca I.P.S. Teixeira
 Av: Brig. Faria Lima, 1478/cj 905
 São Paulo, SP
 Tel: 813.7494